



AVALIAÇÕES LINGUÍSTICAS DE RESIDENTES EM PIRACICABA-SP SOBRE O “CAIPIRACICABANO”

Palavras-Chave: Sociolinguística, Avaliação Linguística, Dialeto Caipira

Autoras:

DANIELLE BALTIERI BENTO – UNICAMP

PROF.^a DR.^a LIVIA OUSHIRO (ORIENTADORA) – UNICAMP

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa situa-se na área de Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]; Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]), que estuda diversas relações entre língua e sociedade para mais bem explicar a variação linguística. Uma dessas relações se dá por meio da avaliação linguística, isto é, como os falantes avaliam, de forma consciente, seu próprio dialeto e outras variedades linguísticas (Oushiro, 2015). Este trabalho tem o objetivo de reportar os resultados da análise de dados coletados em entrevistas sobre as avaliações linguísticas de residentes em Piracicaba-SP, município do estado de São Paulo com uma população estimada de 404.142 pessoas (IBGE, 2019) e localizado aproximadamente a 157 quilômetros da capital.

Trabalhos prévios sobre outras variedades do interior paulista (Leite 2011; Carreão 2018; Espírito-Santo 2019; Plaza 2019, entre outros) observam que variáveis linguísticas consideradas “caipiras” são comumente relacionadas à fala de pessoas dessa região dialetal, e também à de indivíduos menos escolarizados, mais velhos e residentes de bairros afastados do centro. Podemos citar como características do dialeto caipira o /r/ retroflexo (/ɹ/ em coda e ataque silábico, p.ex.: *po[ɹ]ta* e *Pi[ɹ]acicaba*), rotacismo (troca de /l/ por /r/, p.ex.: *bicicreta*) e uso de /t/ e /d/ como oclusivas (p.ex.: *noi[t]e* e *[d]ia*), entre outras variantes.

Especificamente sobre Piracicaba, há alguns trabalhos (Rodrigues, 1972; Leme, 1994;

Morelli, 2019) que analisaram a produção linguística dos falantes do município, ou seja, o modo como as pessoas falam. O dialeto do município é comumente considerado o protótipo do falar caipira, mas pouco se sabe como os próprios piracicabanos avaliam sua variedade de fala, se positiva ou negativamente. Desse modo, desejamos observar se falantes com diferentes faixas etárias, graus de escolaridade e residentes de diferentes regiões da cidade avaliam essas características do dialeto caipira de formas distintas.

METODOLOGIA

Realizamos 60 entrevistas com residentes de Piracicaba (nativos ou não), estratificados de acordo com 5 regiões da cidade (norte, sul, leste, oeste e centro), 3 faixas etárias (de 18 a 34 anos, de 35 a 59 anos e de 60 anos ou mais), e gênero (feminino e masculino). A combinação dessas características resulta em 30 perfis sociais (p.ex., residente da região norte, entre 18 e 34 anos, do gênero feminino), para cada um dos quais há dois participantes. O roteiro das entrevistas contou com 27 perguntas abertas, divididas em 2 partes – (i) perguntas gerais sobre o participante e a cidade e (ii) perguntas sobre dialeto caipira e piracicabano. As respostas às perguntas foram sistematizadas em duas planilhas, a primeira com as respostas transcritas e a segunda com as respostas em formato de etiqueta. Os dados foram analisados qualitativa e quantitativamente pelo software R (R Core Team, 2021), por meio de testes de qui-quadrado. Devido à pandemia de COVID-19, as entrevistas foram coletadas remotamente, por meio das plataformas Google Meet, Whatsapp e Zoom. Na grande maioria dos casos, os participantes se mostraram bastante confortáveis com as gravações e abertos a conversas.

Para os resultados e discussões na sequência, os participantes foram também divididos em 3 níveis de escolaridade (12 com ensino fundamental, 20 com ensino médio e 28 com ensino universitário). Embora o corpus tenha sido estratificado inicialmente em cinco zonas, notamos nas entrevistas que uma divisão mais relevante para os moradores da cidade é entre centro e periferia, de modo que foram reorganizados nessas duas categorias de região de residência (27 da região central e 33 da região periférica).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as perguntas da segunda parte do roteiro, seis delas buscavam avaliações sobre traços linguísticos específicos, selecionados dentre aqueles que costumam ser apontados como característicos do dialeto caipira. Para cada um dos traços, perguntou-se “O que você acha desse modo de falar? Quem fala assim? Você fala assim?”

1. “Fecha a po[ɣ]ta” (pronúncia retroflexa de /r/ em coda silábica);
2. “Ele tem um Cama[ɣ]o ama[ɣ]elo” (pronúncia retroflexa de /r/ em ataque silábico);
3. “Esqueci a bicic[r]eta, descu[ɣ]pe” (rotacismo);
4. “Ele veio aqui [d]e manhã” (pronúncia oclusiva da consoante /d/);
5. “Ele veio aqui [d]e noi[t]e” (pronúncia oclusiva das consoantes /d/ e /t/) e
6. “Ela ponhou uma roupa bem bonita” (verbo *ponhar*)

As respostas dos participantes foram classificadas em *positivas*, *negativas* e *neutras*, considerando os comentários dados. Se o participante considerou o modo de falar *feio*, *esquisito*, consideramos como comentário negativo – p.ex.: comentário de Lara C. sobre o uso de *ponhar*: “não é certo, o certo é *vestir* a roupa, *calçar* o sapato” –; caso considere *bonito*, *legal*, consideramos positivo – p.ex.: Caio R. sobre a variante retroflexa em coda silábica: “bonito, é o que vivencio todos os dias por estar morando em ‘caipiracicaba’” –; para comentários como *normal* e em que não houve clareza sobre as avaliações, classificamos como comentário neutro – p.ex.: Gilson A. sobre /d/ oclusiva: “é normal, falo corriqueiramente e nem percebo”.

Conforme a Tabela 1, os comentários para as sentenças 1, 2, 3, 4 e 5 foram neutros, sendo que em 1, 4 e 5 não houve diferença significativa entre os comentários positivos e negativos. Para 6, não houve diferença significativa entre os comentários negativos e neutros, sendo a única variável que teve um número alto de avaliações negativas. Para 2 e 3 houve diferença significativa entre os comentários positivos e negativos, sendo mais comentários negativos do que positivos.

Quando questionados se falam desse modo ou não, as variáveis em 4 e 5 (/t/ e /d/ oclusivas) foram as únicas a não resultar em diferença estatisticamente significativa. Em muitas respostas os participantes apontaram outras características, como enfatizar a palavra *manhã* ou falar *à noite* ao invés de *de noite*. Os participantes disseram usar a variante retroflexa em coda silábica ($p \approx 0.01$), sendo que muitos deles afirmaram realizar uma forma mais “suave” do que a proferida pela documentadora e classificaram esse modo de

Variante	Nº de comentários			Comparação entre	
	Pos.	Neg.	Neu.	Pos. e neg.	Neg. e neu.
1. /ɹ/ em coda silábica	6	9	45	$p = 0.6056$	$p < 0.001^*$
2. /ɹ/ em ataque silábico	4	15	34	$p = 0.022^*$	$p = 0.01^*$
3. rotacismo	2	11	37	$p = 0.027^*$	$p < 0.001^*$
4. /d/ oclusiva	2	3	45	$p = 1$	$p < 0.001^*$
5. /d/ e /t/ oclusivas	2	6	35	$p = 0.289$	$p < 0.001^*$
6. verbo <i>ponhar</i>	5	26	15	$p < 0.001^*$	$p = 0.118$

Tabela 1: Comentários sobre variantes “caipiras” (valor p significativo marcado com asterisco)

falar como “normal” e “comum”. Os participantes afirmaram não usar 2, 3 e 6 ($p < 0.001$ para ambas) e apontaram outros usos, como a variante rótica *tepe* em ataque, a não realização do rotacismo e o uso do verbo *colocar* ao invés de *ponhar*.

Quanto a variável social faixa etária, houve diferença significativa para a avaliação das sentenças “Fecha a po[ɹ]ta” e “Ele veio aqui [d]e noi[t]e”. Para a primeira, os participantes com 60 anos ou mais disseram não falar dessa forma ($\chi^2 = 11.231(2)$, $p \approx 0.003$) e julgaram a segunda de forma negativa, sendo que 5 dos 6 comentários negativos são da terceira faixa etária ($\chi^2 = 15.458(4)$, $p \approx 0.003$).

Para grau de escolaridade, obtivemos diferenças significativas em “Ele tem um Cama[ɹ]o ama[ɹ]elo”, em que as avaliações positivas são dadas por falantes com nível superior ($\chi^2 = 8(2)$, $p = 0.018$). No entanto, ressaltamos que a maioria das avaliações para essa sentença foram neutras e apenas 4 participantes avaliaram-na de forma positiva.

A variável social região de residência apresentou valores significativos para as sentenças “Esqueci a bicic[r]eta, descu[ɹ]pe” e “Ela ponhou uma roupa bem bonita”. Os residentes da região periférica da cidade disseram realizar o rotacismo mais do que os da região central ($\chi^2 = 9(1)$, $p = 0.003$), no entanto, ambas as regiões responderam negativamente sobre sua realização, sem diferença significativa entre elas. Quanto ao verbo *ponhar*, os poucos comentários positivos vieram da região periférica ($N=5$, $\chi^2 = 5(1)$, $p = 0.025$).

A partir dos resultados aqui apresentados, podemos notar que, de maneira geral, algumas variáveis são mais estigmatizadas que outras. O uso de /ɹ/ em ataque silábico, rotacismo e verbo *ponhar* receberam mais comentários negativos do que as outras e os participantes disseram não usá-las. A falta de resultados significativos para as variáveis

oclusivas, atrelada à análise qualitativa das respostas, pode indicar que elas não estão tão presentes no discurso metalinguístico dos falantes, podendo até ser menos salientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notamos que variantes “caipiras” estão presentes nos discursos metalinguísticos com diferentes graus de saliência e diferenças nas avaliações conforme as características sociais dos participantes. O dialeto “caipiracabano” é avaliado pejorativamente em algumas variáveis (/ɹ/ em ataque silábico, rotacismo e verbo *ponhar*) e comentado como “normal” e dito presente na fala dos piracicabanos em outras (/ɹ/ em coda silábica, /t,d/ oclusivas). Essas avaliações podem contribuir para estudos futuros, ao reconhecer quais variáveis são mais ou menos salientes e quais recebem mais comentários positivos ou negativos.

REFERÊNCIAS

- Carreão, V. (2018). “Transformações econômicas e mudança linguística: a língua em Louveira/SP”. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas-SP: IEL, Unicamp.
- Espírito-Santo, J. M. F. (2019). “Entre o campo e a cidade: rotacismo em São Miguel Arcanjo”. Dissertação (Mestrado em Linguística). São Paulo: FFLCH, USP.
- IBGE, I. B. D. G. E. E. (2019). *Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1^o de julho de 2019*.
- Labov, W. (2008 [1972]). *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Editora Parábola.
- Leite, C. M. B. (jun. de 2011). “Estereótipos sociais e suas implicações para os estudos sociolinguísticos”. Em: *Estudos da Língua(gem)* 9.1, pp. 91–104.
- Leme, M. L. (1994). “A linguagem da comunidade Tirolesa-Trentina: da cidade de Piracicaba-SP”. Dissertação (Mestrado em Linguística). IEL, Unicamp.
- Morelli, R. (2019). *O papel da variável sexo/gênero na variação linguística em Piracicaba – SP*. Relatório Final de Iniciação Científica.
- Oushiro, L. (2015). “Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo”. Tese (Doutorado em Linguística). São Paulo: FFLCH, USP.
- Plaza, L. S. (2019). “O dialeto caipira no município de Itatiba-SP”. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas-SP: IEL, Unicamp.
- R Core Team (2021). *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. Versão 1.4.1106. URL: <http://www.R-project.org/>.
- Rodrigues, A. N. (1972). “O dialeto caipira na região de Piracicaba”. Tese (Doutorado em Linguística). São Paulo: FFLCH, USP.
- Weinreich, U., W. Labov e M. I. Herzog (2006 [1968]). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial.